

# “NA PAREDE DA MEMÓRIA ESSA LEMBRANÇA É O QUADRO QUE DÓI MAIS”: FENDAS NO TEMPO, HISTÓRIAS DE VIDA E O OLHAR FOTOGRÁFICO NO FAZER ANTROPOLÓGICO

*“ON THE WALL OF MEMORY THIS RECOLLECTION IS THE PICTURE THAT HURTS THE MOST”: CRACKS IN TIME, LIFE STORIES AND THE PHOTOGRAPHIC LOOK IN ANTHROPOLOGICAL ACTION*

**Vanessa Oliveira Rocha<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

## RESUMO

A combinação de fotografias e narrativas orais emerge como ferramenta poderosa para o resgate e análise de memórias e histórias de vida das mulheres. Especialmente as mais velhas desempenham papel fundamental na preservação da história familiar e comunitária. Por meio de objetos pessoais – como fotografias, roupas e utensílios domésticos – e de narrativas orais, é possível desvendar significados profundos e resgatar memórias que, de outra forma, certamente se perderiam. Ao conjugar fotografias e narrativas como ferramentas para a pesquisa histórica feminina, é possível construir lentes de compreensão mais completas e complexas sobre o passado. A fotografia, nesse contexto, não é apenas um registro visual, transmutando-se em documento histórico que complementa e enriquece as narrativas orais. A partir dela, é possível analisar aspectos visuais, como vestuário, cenários e relações sociais, que contribuem para a construção de uma história mais rica e detalhada. A pesquisa que utiliza essa metodologia busca resgatar histórias que muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas pela historiografia tradicional, conferindo protagonismo às mulheres e valorizando suas experiências. Considerando múltiplos marcadores sociais como gênero, raça, classe e outras categorias relevantes, o presente estudo objetiva demonstrar o potencial da interdisciplinaridade no enriquecimento da compreensão sobre as experiências femininas no fazer antropológico. Em suma, o trabalho defende que a combinação de fotografias e narrativas orais representa ferramenta poderosa para a pesquisa histórica, especialmente quando o foco são as experiências femininas. Essa abordagem permite a retomada visual das memórias, desafiando os relatos tradicionalmente escritos, em um movimento de produção de conhecimento com perspectiva pós-textual.

**Palavras-chave:** fotografia; memória; história oral; narrativas visuais.



## ABSTRACT

The combination of photographs and oral narratives has emerged as a powerful tool for recovering and analyzing women's memories and life stories. Especially older women play a fundamental role in preserving family and community history. Through personal objects, such as photographs, clothing, and household utensils, and oral narratives, it is possible to uncover deep meanings and rescue memories that would otherwise certainly be lost. By combining photographs and narratives as tools for women's historical research, it is possible to build more complete and complex lenses for understanding the past. In this context, photography is not just a visual record, but rather a historical document that complements and enriches oral narratives. Through photography, it is possible to analyze visual aspects, such as clothing, settings, and social relationships, which contribute to the construction of a richer and more detailed history. Research that uses this methodology seeks to recover stories that are often silenced or marginalized by traditional historiography; giving women a leading role and valuing their experiences. Considering multiple social markers such as gender, race, class and other relevant categories, this study aims to demonstrate the potential of interdisciplinarity in enriching the understanding of women's experiences in anthropological work. In short, the work argues that the combination of photographs and oral narratives represents a powerful tool for historical research, especially when the focus is on women's experiences. This approach allows for the visual recapture of memories, challenging traditionally written accounts, in a movement of knowledge production with a post-textual perspective.

**Keywords:** photography; memory; oral history; visual narratives.

## INTRODUÇÃO

Chaleiras, xícaras, porta-retratos, álbuns de família, santinhos, cadernos de receitas, recortes de chita, xales, primeiros sapatinhos, mantas batismais, broches, bordados, certidões de morte e nascimento: relicários de família e badulaques de uma memória vivida e vívida; miscelânea de afetos, experiências, narrativas e trajetórias que (re)encenam legados, recordações e elaborações de um tempo que é por si só extremamente caro às suas guardiãs. Sim, guardiãs, no âmbito mais feminino do substantivo, pois não é incomum identificar no cerne de núcleos familiares a presença quase que indelével de mulheres (por vezes uma avó, tia, prima ou mãe) atuando como zelosas protetoras, colecionadoras e transmissoras das histórias e tradições daquele povo.

Entre os estimados objetos que compõem os acervos familiares dessas memorialistas do lar, as fotografias ocupam espaço ímpar na consolidação de uma memória que é coletiva e confere sentido às histórias narradas nos momentos de partilha do cotidiano, corroborando a materialidade de períodos jubilosos, conturbados ou de privações, evocando as anciãs e retransmitindo às gerações futuras os triunfos daqueles que já se foram, expressando afetividades; estabelecendo elos entre passado, presente e futuro na construção de cognições extra e intrafamiliares que conferem

e solidificam, no imaginário dos sujeitos, noções de pertencimento e identidade indissolúveis.

Os registros fotográficos aliados às narrativas orais representam sustentáculos de ímpar riqueza no que concerne à recuperação e ao levantamento de informações. Associadas, voz (relato oral) e imagem são capazes de reconstruir percursos discursivos que não seriam de fácil acesso e exame se apresentadas apenas pela via documental burocrática; principalmente considerando que tais recursos não se encontram catalogados, discriminados, conservados e disponíveis para o amplo acesso em plataformas, acervos e instituições de domínio público. A tradição oral, usualmente desvalorizada e estigmatizada pelas ciências ocidentais sob a alcunha de fonte de menor valor, é alvo de constante epistemicídio (Carneiro, 2005); sendo adstrita apenas ao âmbito do privado, do familiar que também é doméstico, em *pari passu*<sup>1</sup> com suas interlocutoras, privadas pelo cisheteropatriarcado da inserção e circulação no campo do público, “a narrativa histórica tradicional reserva-lhes pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública – a política, a guerra – onde elas pouco aparecem” (Perrot, 1989, p. 9).

A fotografia, a seu tempo, sob a condição de recurso metodológico, permite maior aproximação na apreensão dos pormenores da pesquisa, uma vez que as imagens (autorizadas pelas colaboradoras) autoproduzidas, como também autointerpretadas, oportunizam que as participantes expressem “novos olhares” capazes de ampliar as dimensões e os sentidos proclamados nas histórias narradas neste mundo em transe que se desenha sob a perspectiva do trânsito incessante, de interior e exterior, público e privado, que se confunde, de modo que se dá “o reconhecimento das imagens como possibilidades de construção de uma narrativa histórica, por representarem fatos concretos, que são evidências a serem rastreadas” (Molina; Barbosa, 2020, p. 15).

Sob esse raciocínio, John Collier aponta em *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa* (1973) as potencialidades da fotografia como técnica de investigação. Considerando as limitações próprias da capacidade de retenção de imagem pela nossa retina e memória visual, Collier apresenta a fotografia como hábil ferramenta não só de registro mas também de exame, verificação e intermediação dos sentidos, possibilitando uma nova ótica de compreensão do subjetivo que permitiria ao investigador ampliar suas capacidades sensoriais e analíticas. A câmera atua como mediadora entre o pesquisador e o campo, reduzindo a distância social e cultural. Em outras palavras, trata-se de uma extensão do olhar do pesquisador.

A máquina fotográfica é uma extensão instrumental de nossos sentidos, mas é pouco especializada para registrar na escala de abstração mais baixa possível. Essa capacidade poderia tornar a câmera o instrumento mais valioso para o observador (Collier, 1973, p. 3).

Entrevistas narrativas contextualizadas com o suporte de registros fotográficos se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando à profundidade de aspectos específicos (histórias de vida, tanto da entrevistada como das entrecruzadas no contexto situacional por meio da oralidade). Em *Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”* (1988) a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz argumenta que as histórias de vida não se limitam a simples narrativas biográficas; para a autora, os materiais atuam como documentos históricos na medida em que revelam não apenas a trajetória individual de uma pessoa mas também as condições sociais, culturais e históricas que moldam trajetórias.

A história oral, assim,

[...] se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. [...] Este (o entrevistado) é quem determina o que é relevante ou não narrar, ele é quem detém o fio condutor (Queiroz, 1988, p. 20-21).

Esse tipo de interação (entre o mundo contado e o fotografado) tem o potencial de encorajar e estimular aquela que é indagada a partilhar valiosos testemunhos sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, conforme também reflete a antropóloga Luciana Bittencourt:

O uso de narrativas visuais em ciências sociais é um assunto polêmico. A polêmica se encontra na ambiguidade da imagem e, portanto, na relutância de pesquisadores em aceitar o uso de códigos visuais como um método de pesquisa viável ou como uma nova possibilidade de estruturar narrativas. Em grande parte ignorando a análise de imagens, cientistas sociais têm negligenciado um material importante para a interpretação da experiência humana. Isto é surpreendente, se considerarmos que a fotografia como um documento interpretativo em muito se assemelha ao trabalho das ciências sociais com o seu empenho em criar representações de realidades. Por criarem representações válidas, os referenciais da fotografia e das ciências sociais derivam do contexto cultural nos quais estas disciplinas estão inseridas e dos paradigmas básicos através dos quais elas interpretam o real (Bittencourt, 1993, p. 225).

Pode-se inferir que, muito embora não ostentem o título de antropólogos ou pesquisadoras inseridas no universo acadêmico, valiosas são as contribuições de figuras como Arlete Soares e Zélia Gattai (*in memoriam*), duas personalidades (e amigas), fotógrafas e memorialistas notáveis na historiografia soteropolitana. Suas coleções de retratos, que revelam com poesia e profundidade as diversas sutilezas e particularidades do tecido social baiano (desde o Recôncavo até a Capital), denotam potencial amplo de substrato para presentes (e quiçá!) futuras pesquisas que tenham por enfoque o estudo das dinâmicas e disputas socioeconômicas, familiares, políticas e territoriais baianas. Fazendo coro, a pesquisadora Alzira Queiróz Gondim de Sá assinala:

Partindo dessas premissas, pode-se considerar que a atividade resultante da expressão fotográfica ocorre num determinado tempo, num espaço singular, em um contexto que encerra em si uma micro-narrativa, não verbal, de um tempo que se foi, vestígio/aparência de um passado que só pode ser resgatado pela evocação da memória. O tempo é reatualizado e/ou ficcionalizado pela diversidade de olhares de possíveis leitores que, em seus lugares privados ou lugares de memória, entram com ele em contato pelas imagens produzidas e registradas (Sá, 2019, p. 65).

Debates tocados pelas reminiscências próprias da pesquisa em temáticas como memória coletiva; o poder do gênero na linguagem; espaço; dinâmicas étnico-raciais e religiosas; vozes femininas; maternidade; corporalidades dissidentes; resistência; etnografia das circulações e dinâmicas migratórias; gênero e geração; periferização; luta pela terra; entre outras, possuem condições (e devem lançar mão) do sustentáculo extremamente rico, ancestral e vasto, fruto do entrelaçamento possível entre narrativas de vida e fotografias.

Nessa perspectiva, conceitos desenvolvidos por Alzira em *Mediação fotográfica revela o lugar da intimidade: a casa de Jorge Amado* (2019) articulam e salientam a relevância da fotografia para as ciências sociais como espelho do real. Em suas palavras:

Constituindo um recurso que, em diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações que o pesquisador pode dispor para reconstituir e interpretar determinada realidade social, pode-se afirmar que, independentemente de conceitos, leituras e avaliações, os registros fotográficos, como documentos, testemunham sobre algo, representam fatos, acontecimentos, vidas, lugares. Essa condição permite considerá-los a representação de uma coisa ausente, um signo aberto a múltiplas leituras e à criação de realidades. Por um viés epistemológico, eles abrem a possibilidade de dar relevo ao enfoque

documental, à sua potencialidade de mediadores da informação (Sá, 2019, p. 65-66).

Sendo a imagem fotográfica documento produtor de cronologias, ela adquire contornos de instrumento não só de investigação mas também de informação, pesquisa, incitação metodológica e difusão social de conhecimento.

## **QUERO LHE CONTAR COMO EU VIVI E TUDO O QUE ACONTECEU COMIGO<sup>2</sup>: REGISTROS FOTOGRAFICOS E HISTÓRIAS DE VIDA COMO VIAS METODOLÓGICAS DE PESQUISA**

Ao examinar com atenção pesquisas etnográficas sobre a memória, torna-se evidente a influência dos papéis de gênero na constituição daquilo que Michelle Perrot (1989) designou como “memória feminina”. Na sua descrição:

A memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial. A roupa de cama, mesa e banho, o vestuário constituem uma outra forma de acumulação [...] assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória [...], é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo (Perrot, 1989, p. 14-15).

A memória das mulheres é terminantemente marcada pela oralidade em sociedades tradicionais nas quais essas mulheres representam o papel de narradoras da comunidade. Quando falamos de rememoração, “as mulheres são as guardiãs e porta-vozes das histórias e das relações da vida privada e do trabalho doméstico” (Santos, 2011, p. 21). Cores, dores, sabores, tessituras, detalhes e minúcias denunciam a capacidade feminina de se ater aos pormenores da vida cotidiana, que com frequência são levados a largo pelo correr dos dias, miudezas que se mostram determinantes quando da feitura de uma pesquisa robustamente alicerçada e dotada de parâmetros bem fundamentados, pois respostas, argumentos e cognições (valiosas e indubitavelmente necessárias) podem se ocultar nessas esquinas da memória, muitas vezes atravessadas pelos pesquisadores sem a devida atenção.

No seu título eleitoral, no espaço reservado para a “filiação”, havia apenas o nome da mãe: Cecília Maria da Conceição; como profissão: doméstica; local de nascimento: Guarabira, Estado da Paraíba. Mostrou-me as fotografias do aniversário de Ivanildo, com um bolo, guaraná, realizado no 33 da rua

Gregório de Matos; fotos com o irmão e a irmã, com o “namorado” inglês, e as suas com peruca e “roupa de batalha”. Senti a importância da documentação e pedi-lhe emprestado para tirar cópias para eu ter uma lembrança dela (Bacelar, 1982, p. 167).

Costurar as tramas da vida, tal qual um bordado, concatenando diferentes experiências e eventos a serem decifrados e bem arrematados demanda certa artesanania do saber; “a partir do leque de memórias trazidas e compartilhadas, algumas expressões no processo de narrar e rememorar foram fios, que a princípio pareciam soltos, mas que, no percurso da pesquisa, foram se entrelaçando” (Silva, 2021, p. 242). O que acessamos por intermédio das histórias de vida descritas por mulheres é permeado por acontecimentos relacionados ao ambiente familiar, a questões de saúde, cuidado, perdas, privações, sofrimentos e à esfera íntima. Em contraste, os homens tendem a contar suas histórias destacando seus êxitos e conquistas, muitas vezes omitindo ou dando pouca atenção a traumas, temas afetivos ou que denunciem vulnerabilidades e/ou acentuem fragilidades.

Por sua vez, a fotografia, sob o título de instrumento investigativo, assume dimensão visual, instrumentalizando as peculiaridades do “olhar” apresentadas por Roberto Cardoso de Oliveira em *O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever* (1996). Segundo o autor, “a observação é um inegável ato cognitivo” (Oliveira, 1996, p. 21) desde que a compreensão resultante de tal análise se mostre capaz de assimilar significações não facilmente apreensíveis por quaisquer outras metodologias. Um exemplo faz inteligível o raciocínio: imaginemos a necessidade de se verificar em uma fonte segura a participação de dada pessoa em determinado evento fundamental ao desenvolvimento de um argumento da tese, estaria ou não essa pessoa em tal data, local e horário? Seria motivo de investigação? O caminho usual a ser percorrido seria o de inquirir a própria pessoa sobre a ocasião, se estava presente ou não; mas caso a participante seja uma mulher idosa em idade avançada e acometida de Alzheimer, ela muito dificilmente poderá confirmar ou negar seu envolvimento em tal evento; logo, se outras pessoas não forem habilitadas a responder tal questionamento (outras metodologias incapazes de dar conta da complexidade da informação demandada), o ato contínuo de “olhar” ou observar dadas fotografias será uma possível saída de resolução para tal celeuma analítica.

Consoante Alzira de Sá:

O uso valoroso da imagem fotográfica como documento, na Antropologia, vem sendo preconizado pelo fato da sua capacidade de expressar e dialogar com os modos de vida da sociedade que a produz, ademais, por viabilizar, não só a interpretação, mas o aprofundamento do universo simbólico dos grupos sociais, favorecendo a reconstituição da história

cultural, bem como o acompanhamento do processo de mudança social e sua dinâmica (Sá, 2019, p. 107).

Sob essa ótica, imagens que estejam em domínio das interlocutoras ou por elas possam ser acessadas, trazem para o plano do tangível aquilo que habita apenas no plano do incognoscível, do imagético, do subjetivo. Tais imagens transpõem ao mundo dos fatos realidades e especificidades que corriqueiramente escapam dos relatos orais, uma vez que a memória usualmente atua como um ardil falho em suas sutilezas (em decorrência do transcurso prolongado do tempo, incidentes traumáticos e avanço de condições neurodegenerativas). Desse modo, a fotografia assume a posição de “produto social da cultura, os objetos como representação do mundo do sujeito, estudos atrelados à função social da memória” (Sá, 2019, p. 23).

Assim (pelas lentes analíticas dos estudos de gênero), os álbuns de família anunciam histórias: revelam gestações, viagens, migrações, ascensões sociais ou períodos de escassez, partidas, chegadas, adoções, trânsitos de crianças, viuvez e casamentos; com a “fotografia como documento e meio de observar e fixar o efêmero, pelo qual se pode acompanhar as transformações sociais, comportamentos e a desapareição do mundo” (Sá, 2019, p. 106). Até a ausência de retratos denuncia abandonos, divórcios, conflitos, negligências, agressões, LGBTQIAPN+fobia, racismo, adoecimentos e mortes, conforme corrobora Michelle Perrot:

Às mulheres cabe conservar os rastros das infâncias por elas governadas. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas, acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem (Perrot, 1989, p. 15).

Elaborando sobre diálogos possíveis entre oralidades e registros fotográficos, plausíveis e indispensáveis à construção de um caminho perscrutador que se proponha menos engessado para a constituição de uma antropologia visual. Nesse contexto, Etienne Samain salienta:

O que Margaret Mead, dessa maneira, pressentia e intuía na época, é que chegava o momento onde não bastaria “falar e discursar” em torno do homem, apenas “descrevendo-o”. Haver-se-ia de “mostrá-lo”, “expô-lo”, “torná-lo visível” para melhor conhecê-lo, sendo a objetividade de tal empreendimento não mais ameaçada pelo “visor” da câmara do que pelo “caderno de campo” do antropólogo (Samain, 1995, p. 24).

Fotografia e antropologia, quando dispostas lado a lado, revelam uma vocação compartilhada: a busca por desvendar as complexidades dos indivíduos e das sociedades, explorando paixões, devaneios e construções imaginárias. Peter Burke (2008) considera fotografias linguagens que apoiam as informações dos documentos escritos e que viabilizam o

acesso a aspectos do passado, inalcançáveis por outras fontes. Esquemas, testemunhos e fotografias são cúmplices necessários para o crime perfeito: o desenvolvimento de uma antropologia detalhada, descritiva e minuciosa, sem espaço para pontas soltas, possibilitando “a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais” (Piscitelli, 1993, p. 153).

O resgate de lembranças mediante o discurso falado e a observação fotográfica ajuda a contar, descrever, apreender, entender, olhar, sentir, conversar com, dissertar sobre, conquanto “verdadeiras certidões visuais do acontecido, do passado” (Sá, 2019, p. 48). Desse modo, um mesmo material pode articular gênero, geração, local, raça, estruturas familiares, representações e tantos outros aspectos. A antropologia vai além das palavras ao mesmo tempo que conversa com elas. A história oral é instrumento de cartografia de testemunhos e de histórias de vida, pois “através do estudo da vida dos indivíduos, é possível conhecer características, valores, estruturas da sociedade na qual está inserido” (Queiroz, 1988, p. 28), sendo meio de autoescuta da cotidianidade do presente, e, desse modo, uma alternativa à história oficial, “a existência em contraposição ao tempo institucional” (Jaiven, 1998, p. 189).

Preencher as lacunas da memória alheia obviamente implica riscos, cujas consequências são passíveis de ser amortizadas caso o pesquisador tenha por compromisso conservar o espírito inquieto, interrogador e de estranhamento, de modo a minimizar (já que anular seria o mesmo que “tentar tapar o Sol com a peneira”) impressões enviesadas, conclusões antecipadas e certezas pré-concebidas.

Lidar com a contextualização da imagem, compreender e revelar o que de invisível se apresenta sob a sua superfície, elaborar estratégias para o seu tratamento que visem à recuperação de seus conteúdos, representam um tema à parte que leva à compreensão do documento fotográfico e não descarta uma análise para além dos textos. Um exaustivo trabalho que requer do pesquisador afino e dedicação, além de uma competência discursiva (Sá, 2019, p. 13).

A memória certamente é labiríntica, mas não indecifrável. Ainda assim, pressupõe ver e escutar. Nesse contexto, contribuições de Paulo Freire também se destacam:

Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada

e jamais dita, afagada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco (Freire, 1992, p. 16-17).

Na hermenêutica do ofício etnográfico, fotografias e relatos orais caracterizam o encontro de duas práticas fundamentais à confecção laboriosa do saber: o ouvir (o relato) para olhar (a fotografia), e o olhar (a fotografia) para buscar ouvir (o relato), práticas que caracterizam as duas faces de uma mesma moeda, responsáveis por angariar o passaporte de acesso ao universo íntimo de quem narra.

Figura 1 – Oficina de penteados afros no subúrbio ferroviário.



Fonte: Lázaro Roberto, Zumvi Arquivo Fotográfico (1992).

Figura 2 – Duas senhoras da Boa Morte. Cachoeira, Bahia.



Fonte: Lita Cerqueira (1989).

Figura 3 – Feira livre em Salvador, Bahia.



Fonte: Alice Brill, Acervo Instituto Moreira Salles (1953).

Figura 4 – Bumba meu boi. São Luís, Maranhão.



Fonte: Marcel Gautherot, Acervo Instituto Moreira Salles (1956).

## FENDAS NO TEMPO E RUPTURAS: A ORALIDADE NA DEMARCAÇÃO DE SABERES E EXISTÊNCIAS

Narrativas autobiográficas oriundas de registros fotográficos e relatos orais recuperam capítulos de extrema riqueza principalmente no que compete aos percursos de vida das mulheres habitantes de comunidades em processos de deslocamento, posto que são agentes constituintes e guardiãs de saberes elaborados no trato cotidiano, dotados de vida própria, transformações e movimentos, sejam eles territoriais, geracionais ou sociais.

Violências, migrações forçadas e demais episódios de conflito, degradação e perseguição culminam na dispersão e, por vezes, no total aniquilamento de capítulos da memória coletiva; como se aquelas corporeidades e os saberes que carregavam não houvessem existido ao longo de determinado intervalo no espaço-tempo, criando fendas, ausências. A prova mais sintomática de tal apagamento é que raramente recordamos o nome de nossas ancestrais além da terceira ou quarta geração que nos antecede.

O desaparecimento de sistemas e valores que acompanhavam a estrutura de uma sociedade tradicional, a anulação da própria lembrança deles, parece iminente. Os anciãos seriam as últimas testemunhas ainda existentes de um estilo de vida que se desfazia [...] (Queiroz, 1988, p. 20-21).

O conceito de memória subterrânea discutido por Michael Pollak merece atenção quanto à temática das fendas no tempo resultantes de processos de extermínio e subalternização de populações. Segundo Pollack (1992, p. 204), “memória e identidade estão imbricadas no processo de construção da história dos vencidos”, transmitindo as tensões e os conflitos que marcam as dinâmicas do grupo social. O autor aponta a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas (1989), submetidas a uma distorção sistemática pela história oficial, invariavelmente inscrita pelos sujeitos que compõem uma classe dominante não coincidentemente branca, cisheteropatriarcal, ocidentalizada, burguesa e monopolizadora do discurso.

A partir de memórias e fotografias (partilhadas pelas mulheres sobre suas lembranças e narrativas), diálogos, entrevistas, encontros e desencontros, é possível contar, rememorar, resgatar e captar “[...] o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social” (Queiroz, 1988, p. 22), retirando das periferias da historiografia socializações, circulações, tradições, eventos, afetividades, sexualidades, domesticidades, heranças linguísticas, manifestações culturais e demais marcadores identitários dos grupos subalternizados por lógicas sectárias que (segregando o diferente em oposição aos padrões fixados por estruturas opressoras como classismo, capitalismo, racismo, sexismo, patriarcado, xenofobia, intolerância religiosa, LGBTQIA+fobia, eurocentrismo e capacitismo)

promovem a marginalização dos produtos sócio-históricos de grupos dissidentes dos parâmetros normativos de raça, classe, gênero, sexualidade e outras categorias. Além disso,

Nessa economia dos arquivos muitas vezes elitista, os/as pesquisadores/as constituem reservatórios de arquivos orais que morrem uma vez que seu “campo” esteja concluído, visto que os protocolos de consentimento não preveem a utilização de arquivos posteriormente de maneira mais ampla ou outra que não seja “científica”. Os/as primeiros/as a serem despojados/as dessa riqueza são os/as entrevistados/as. É por essa razão que a reativação dos campos dos pesquisadores das ciências sociais e uma nova ética da entrevista são objetivos importantes para os praticantes do arquivo vivo (Bourcier, 2020, p. 7-8).

Conversações sobre trajetórias, histórias e culturas de uma comunidade, um grupo ou uma sociedade funcionam como alicerces da pesquisa etnográfica. Elas são arquivos vivos, aptos a restaurar lacunas presentes na memória coletiva, “uma ponte entre o passado e o presente [...] recriando correntes de pensamento coletivo” (Halbwachs, 1990, p. 81), restabelecendo a continuidade interrompida, demarcando e conservando, por exemplo, a memória social de populações ameaçadas pela invisibilização, como é o caso das lavadeiras da Lagoa do Abaeté, das prostitutas do Centro Histórico de Salvador, das sobreviventes da ditadura militar, dos conhecimentos tradicionais das parteiras sertanejas, entre outras.

Conforme os conceitos trabalhados por Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (1950), quando a memória de uma sequência de acontecimentos deixa de ter por suporte um grupo, é necessário que os fatos e as lembranças (que sobre eles alguns sujeitos ainda preservam) sejam capturados e fixados por escrito após a escuta atenta da narrativa, “uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (Halbwachs, 1950, p. 81).

As lembranças evocadas pelos relatos orais ou por fotografias são arquivos vivos que documentam a passagem do tempo e solidificam, no plano material, a irrefutável existência de uma comunidade. Como acessar as narrativas de antigos quilombos que foram extintos pelo avanço dos bandeirantes na região norte da Chapada Diamantina se não pela via da oralidade? Como recuperar informações a respeito das casas de candomblé invadidas e depredadas durante o episódio conhecido como *Quebra de Xangô*, ocorrido em Maceió em 1912? Como restabelecer, senão pela palavra falada, a história dos prostíbulos da Ladeira da Preguiça, onde atualmente só restam ruínas (após os desabamentos decorrentes das fortes chuvas de 2015) daquela que costumava ser a principal zona de meretrício da capital baiana e importante local de socialização e circulação durante o período de ouro da economia cacaujeira?

Poucas nuances históricas de comunidades suprimidas foram datadas, registradas ou demarcadas adequadamente. Dessa forma, é necessário o reconhecimento da oralidade como mecanismo de devolução da centralidade discursiva àquelas que foram espoliadas. A partir de suas próprias palavras, uma colcha epistêmica feminista (Monteiro, 2019), composta por recortes-retalhos das histórias de mulheres transgressoras e potencialmente feministas, impulsiona movimentos de resistência. Trata-se de um fazer de artesanania cujo fio condutor deve estar nas mãos de quem fala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diário de campo é uma forma de “lembrar” e acionar o vivido? Se o for, a fotografia também estaria habilitada a fazer o mesmo? Ou nosso apego é ao discurso escrito e não ao “lembrar”? Ou estaria ligado a um “lembrar” supostamente “correto”? Fotografias em artigos acadêmicos são alvos recorrentes de comentários de pareceristas que exigem o “justificar o uso das fotografias”, contudo, por que não se faz preciso justificar as palavras, mas as fotos sim? Trabalhar com diversas grafias e possibilidades dentro de materiais e repertórios atesta a irrestrita capacidade de adaptação, criatividade, domínio de linguagens democráticas e pluralidade comunicativa de quem pesquisa, influenciando diametralmente na qualidade final do trabalho confeccionado.

Metodologicamente, tal coalizão é apta a entender, reconstituir e recuperar experiências de mulheres levando em consideração as construções de gênero, seu impacto nas formas de exploração dos corpos e demais experiências de opressão, uma vez que reflexibilidades sobre as vivências dos sujeitos são fundamentais para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista. Elaboraões acerca de processos sociais mais amplos que os indivíduos (em que outras abordagens metodológicas se destaquem) demandam uma melhor recuperação da informação – via programas de cooperação planejada, normalização, classificação e programas de informação científica – devendo a preocupação com a reprodução e preservação documental ser prioritária. Novos conceitos de arquivos documentais afloram e, nesse bojo, a fotografia se institui como documento social.

Para realizar esse propósito e considerando preocupações políticas e epistemológicas já mencionadas, torna-se urgente realizar pesquisas centradas em sujeitos, utilizando-se narrativas biográficas e fotográficas de mulheres que recordem suas histórias pessoais dentro de estruturas hierarquizadas (por classismo, capitalismo, racismo, sexismo, patriarcado, xenofobia, intolerância religiosa, LGBTQIAPN+fobia, eurocentrismo, capacitismo, etarismo etc.) mediante autodescrições, sem que implorem por notas de rodapé nas histórias de suas próprias vidas.

## REFERÊNCIAS

BACELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário antropológico**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 225-241, 1993. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6536>. Acesso em: 30 maio 2025.

BOURCIER, Sam. As políticas do arquivo vivo. **REBEH**, Cuiabá, v. 3, n. 12, p. 7-21, 2020.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Maria Xavier dos Santos. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2008.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLIER JR., John. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EDUSP, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

JAIVEN, Ana Lau. Cuando hablan las mujeres. In: BARTRA, Eli (org.). **Debates em torno a uma metodologia feminista**. Mexico: UNAM, 1998. p. 185-198.

MOLINA, Ana Maria Ricci; BARBOSA, Francirosy Campos. Shahr-e No de Kaveh Golestan: uma leitura possível das dimensões política e religiosa de fotos de mulheres prostitutas (Teerã, Irã, 1975-1977). **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 11-37, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16601>. Acesso em: 30 maio 2025.

MONTEIRO, Poliana. A produção feminista do espaço: costurando uma colcha epistêmica para pensar a cidade e as lutas urbanas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 18., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUR, 2019. p. 1-18.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 30 maio 2025.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

PISCITELLI, Adriana. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. **Cadernos PAGU**, Campinas, n. 1, p.

149-171, 1993. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1683>. Acesso em: 30 maio 2025.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 30 maio 2025.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 30 maio 2025.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). **Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

SÁ, Alzira Queiróz Gondim Tude de. **Mediação fotográfica revela o lugar da intimidade: a casa de Jorge Amado**. Salvador: EDUFBA, 2019.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, 1995. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/etienne\\_samain\\_unicamp/wp-content/uploads/2018/01/Samain-1995-Ver-e-dizer-Malinowski.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2018/01/Samain-1995-Ver-e-dizer-Malinowski.pdf). Acesso em: 30 maio 2025.

SANTOS, Maíra Cordeiro dos. **Manuscritos culinários femininos: escrituras das práticas de linguagem do trabalho na cozinha**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6357?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6357?locale=pt_BR). Acesso em: 30 maio 2025.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. **Mulheres da batalha: aprendizados e saberes em contextos de prostituição**. 1. ed. Salvador: Sagma, 2021.

**Vanessa Oliveira Rocha**

*vanessaor@ufba.br*

Belª em Direito pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE). Pós-graduada em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade pela Universidade Salvador (UNIFACS) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA). Pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) vinculada ao Grupo de Pesquisa CNPQ GAD-NEIM.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4869-7930>